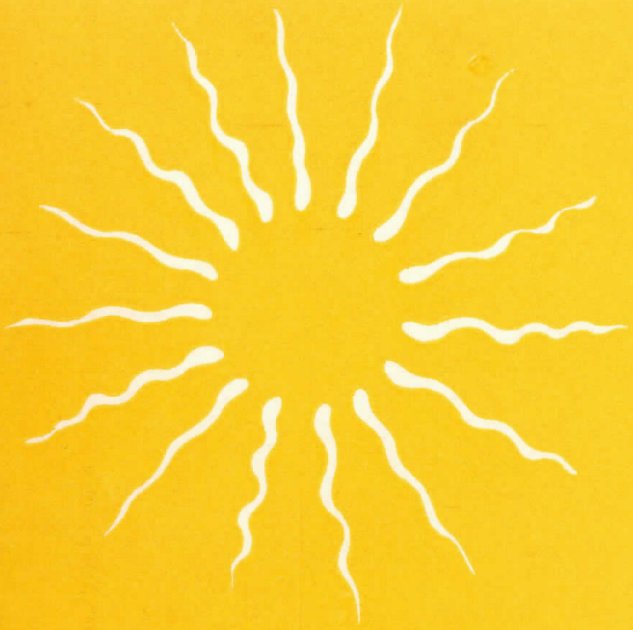

CRIOULISMO E MULATISMO

(UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA)

POR

ORLANDO DE ALBUQUERQUE

CAPRICÓRNIO

30

ARQUIVO
LÚCIO LARA

CADERNOS CAPRICÔRNIO

destinam-se a revelar e a divulgar temas e autores do mundo tropical de expressão portuguesa.

Composto e impresso na **OPAL** — LOBITO — Abril 1975

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara
3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo
4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira
5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia
6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA — Aristides Van-Dunen
8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby
9 — DESTÊRRO DE MIM — Lygia Salema
10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBÓS» — Maria Helena de Figueiredo Lima
11 — RECADO PARA DEOLINDA — Afonso Milando
12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira
16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Sena Fernandes
17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
19 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
20 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
21/22 — O CANTO DO MARTRINDINDE — Ernesto Lara Filho
23 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António
24 — DUAS ESTÓRIAS — Luandino Vieira
25 — POEMAS — Viriato da Cruz
26 — O CURUMIM AMAZÓNICO — Maria Natividade Cortez Gomes
27 — ASPECTOS SOCIAIS E ECONÓMICOS DA VIDA QUIOCA — José Redinha
28/29 — POEMAS — Agostinho Neto
30 — CRIOULISMO E MULATISMO — Orlando de Albuquerque

CAPRICÓRNIO
C. P. 364 LOBITO
ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

CRIOULISMO E MULATISMO

(UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA)

ORLANDO DE ALBUQUERQUE

LOBITO, 1975

DO AUTOR

POESIA

BATUQUE NEGRO — 1974 — proibido
ESTRELA PERDIDA — 1954 — 2.ª edição
CIDADE DO ÍNDICO — 1962 — 2.ª edição
SOBRE O VENTO NOROESTE — 1964
POESIA INÚTIL — 1972

CRÓNICA

A CASA DO TEMPO — 1.ª série — 1964
QUANDO A CHUVA MOLHA — 1965

ENSAIO

ALDA LARA, A MULHER E A POETISA — 1967
CRIOULISMO E MULATISMO — 1975

TEATRO

OVIMBANDA — 1966 — 3.ª edição
O GRANDE CAPITÃO — adapt. radiofónica — 1967
AUTO DE NATAL — 1972
HERODES E O MENINO — 1974

FICÇÃO

O HOMEM QUE TINHA A CHUVA — 1968
DE MANHÃ CAI O CACIMBO — 1969

A PUBLICAR

A CASA DO TEMPO — 3 vol.s — crónica
AS VOZES PERGUNTAM — poesia
SÃO NICOLAU — contos
CARIANGO — romance
A PORTA FECHADA — romance
A ÚLTIMA ESTRELA — romance
A VERDADEIRA HISTÓRIA DE NOÉ E DA SUA ARCA — teatro
PEDIRAM-ME QUE VOS FALASSE DE ALDA... — ensaio
PARA UMA HISTÓRIA LITERÁRIA DE ANGOLA — ensaio

Para o

Manuel Ferreira

O que significa crioulo?

Crioulo significava, primitivamente, o negro nascido na América, em oposição ao negro oriundo de África. Significou (e significa ainda em alguns países latino-americanos) o descendente de europeus nascido em qualquer parte do mundo que não a Europa, nomeadamente no mundo americano.

O Dicionário da Academia Espanhola (ed. de 1932) diz:

Criollo, lla (De *criar).* Adj. 1. Dícese de hijo de padres europeos, nacido en cualquiera otra parte del mundo. 2. Aplícase al negro nacido en America, por oposición al que ha sido traído de Africa. 3. Dícese de los americanos descendientes de euporeos...

Conquanto haja quem lhe tenha atribuído outra origem (espanhola, caribeana, etc), a ideia mais geralmente aceite é de que a palavra deriva do termo português *criadouro.*

Leite de Vasconcelos na *Antroponímia Portuguesa* deriva-a de *criadouro,* dando a seguinte justificação para a sua afirmativa:

«Na idade média designavam-se os homens de condição servil com os nomes comuns de *servi, mancipia* (em latim bárbaro: *mancipii* e *mancipiae), creatio, ancillae, famuli, captivi* e ainda *homines:* vid G. Barros, II, 30 (e notas 4 e 6) e 374, a qual especifica as datas e os textos. Às vezes empregavam-se no mesmo sentido nomes étnicos, conforme a raça dos escravos: *sarraceni, mauri.* À palavra *creatio* «criação» (servos domésticos ou nascidos de outros servos corresponde em épocas ulteriores *crioulo:* vid C. do Amaral, in *Memor. de Litteratura,* VII, 213, nota 247; efectivamene *crioulo* vem do *criadouro,* deformado em boca de pretos. *Criação* mantem-se hoje na acepção de conjunto de animais domésticos de que o homem tira proveito para alimentação: aves, coelhos, porcos, entendendo-se ao mesmo tempo em algumas terras o gado. *Escravo* tem origem moderna: cf. Barros, II 24, nota 4; diz o Sr. Azevedo, loc. cit., p. 290, que o texto mais antigo em que se encontrou esta palavra é de 1462 (cf. todavia F. de Almeida, *Hist. de Portugal,* I, 400, nota 1). A par de *escravo* lê-se às vezes em documentos *esclavo.* Em 1477 ainda se empregava *servo* neste sentido (AHP, V, 450. P. de Azevedo). Palavras designativas de

ARQUIVO LÚCIO LARA

escravo ou escrava posteriormente aos descobrimentos são: *canaria* (vid. adiante), *guineu* (vid. um documento no AHP, I, 299); de *preto, cativo* e *escravo cativo* veremos muios exemp.os adiante».

Cornu, tal como Leite de Vasconcelos, admite que a palavra *crioulo* deriva do étimo criadouro, apresentando a seguinte evolução: *criadoiro » criaoiro » criooiro » crioilo » crioulo.*

Sá Nogueira, embora aceitando a origem do termo, põe, entretanto, certas reservas, afirmando, «não ser normal em português a queda de um *d* em tais condições», pois «o *d* intervocálico latino cai em regra na passagem para o português *(pede » pee » pé; fede » fee, fé, etc.),* um *d* português, proveniente de um *t intervocálico* latino por sonorização, não cai normalmente, e menos ainda quando está entre vogal e ditongo». Objecta ainda que «significando os substantivos portugueses terminados em — *douro* ou *doiro* o «local onde se pratica uma acção» não se compreende que o termo *criadouro* ou *criadoiro* tivesse passado a significar «a pessoa que foi criada, etc».

Para resolver esta dificuldade admite que, «atendendo às formas e respectivos significados dos termos portugueses *criado, criação, cria e criança,* todos derivados do verbo *criar,* é de admitir, sim, que o português *crioulo* tenha vindo de *criadoiro* ou *criadouro,* mas não regularmente, quer na fonética, quer na semântica (Cf. Baltasar Lopes da Silva — O Dialecto Crioulo de Cabo Verde).

De qualquer modo, seja ou não correcta a derivação que se lhe atribue, a quase totalidade dos autores aceita a origem poruguesa do termo.

Mas quem são, presentemente, os crioulos, de que a língua, também assim designada, é uma das suas manifestações mais personalizadas?

O crioulo não é, forçosamente, apenas o resultante do cruzamento entre o europeu e o africano, pois há crioulos no Oriente e no Brasil, mas é fora de dúvida que, talvez pela importância assumida, é o produto da relação europeu-africano (depois de cumpridas certas condições), que mais comummente se designa como tal e como tal mais se evidencia.

E assim temos três povos (línguas) principais geradores do fenómeno crioulo: o português, o francês e o inglês (este menos). Outros existem entretanto, conquanto de menor importância, como o espanhol, o holandês, etc.. Mas é fora de dúvida que foi o português que mais contribuiu para a criação do novo tipo de homem (e de língua) assim designado. Isso deu-se não só pelas suas características étnicas (o português é um povo essencialmente mestiço) como pelo seu modo de se comportar e conviver (numa autêntica miscigenização cultural) com as populações autóctones nessas zonas.

Tal foi a sua expansão que o português chegou a ser a língua

franca falada, um pouco por todo o mundo, em todas as rotas marítimas e em todos os portos. Mas, nos dias de hoje, talvez seja em África que se encontram os maiores vestígios dessa presença omniada, não só nos territórios que corresponderam a antigas colónias lusitanas, como também em zonas em que a sua influência foi grande, como por exemplo no Golfo da Guné.

Se, por vezes, podemos considerar o crioulo como uma designação étnica (como quando nos referimos aos caboverdianos, por exemplo) e.e é, antes de mais, uma designação liguística.

Leite de Vasconcelos, que no seu *«Esquisse d'une Dialectologie Portuguaise»* (1901) foi quem, entre nós, melhor estudou o fenómeno e, encarando-o sob o ponto de vista linguístico, apresentou o seguinte quadro para os dialectos ultramarinos do português (pags. 29 e segs). até hoje a melhor classificação proposta e ainda actua.:

I — Dialecto brasileiro
II — Indo-português

1) Dialecto crioulo de Diu
2) Dialecto crioulo de Damão
3) Dialecto norteiro
4) Português de Goa
5) Dialecto crioulo de Mangalor
6) Dialecto crioulo de Cananor
7) Dialecto crioulo de Mahé
8) Dialecto crioulo de Cochim
9) Português da costa de Coromandel

III — Dialecto crioulo de Gilão
IV — Dialecto macaísta
V — Malaio-português

1) Dialecto crioulo de Java
2) Dialecto crioulo de Malaca e de Singapura

VI — Português de Timor
VII — Dialecto crioulo de Cabo Verde
VIII — Dialecto crioulo da Guiné
IX — Dialectos crioulos do golfo da Guiné (S. Tomé, Princípe e Ano Bom)
X — Português das costas de África

Sá Nogueira (cf. Baltasar Lopes da Silva — O Dialecto Crioulo de Cabo Verde) acrescenta-lhe o *Taki-Taki* e o *Saramaca Tongo*, a que o proprio Vasconcelos já se refere na obra citada.

Estes dialectos seriam «linguagens de negros da Guiana Inglesa, em que, numa estrutura gramatical não portuguesa, se inserem vocábulos recebidos do português por intermédio dos judeus» (ob. cit.).

Mas, além do crioulo, como realidade linguística indiscutível, existirá também como realidade étnica, isto é, existirá o homem crioulo?

É fora de dúvida que, étnicamente o crioulo corresponde a uma realidade. Ele constitue, por assim dizer, um novo tipo humano, com uma nova mentalidade e um novo tipo de linguagem. Se outros casos não existissem, bastaria a criação do homem caboverdiano para comprovar a veracidade da afirmação.

Francisco José Tenreiro, ele próprio um autêntico crioulo, deu-nos mesmo uma tentativa de tipificação, quando, referindo-se aos «arquipélagos crioulos», escreveu: «de comum o tom moreno, mestiçado, das gentes. Mas, mais que a tonalidade, é um passado cultural que os assemelha, sendo abundantes os traços que, num e noutro arquipélago, se repetem, não obstante natureza diversa». (Cabo Verde — Boletim de Progaganda e Informação, 1960).

O homem crioulo resulta de um cruzamento *harmonioso* entre duas raças, habitualmente a latina e a negra (caso dos portugueses, espanhóis e franceses), mas existem crioulos resultantes da fusão com povos do Oriente (Malásia, Macau, Índia, Timor, etc.) e, em muito menor escala, com povos não latinos da Europa (ingleses, holandeses — caso das Antilhas, Sul dos Estados Unidos, Serra Leoa, Malásia, etc.).

O tipo resultante desse cruzamento baseia-se num substracto europeu, pois «embora em alguns aspectos da vida material sobrevivam elementos de culturas negras, na maioria das expressões e atitudes encontramos a marca profunda de paradigmas europeus. (...) mantêm-se ainda vivos factores de civilização que são comuns e veiculares a ambos os grupos: a língua, a religião e a troca de sangues. E outros ainda: como o compadrio, a cozinha partilhada por pretos, brancos e mulatos e aqueles que se estabelecem nos serviços públicos da cidade (...). No arranjo da casa, no vestuário, nos festejos e solenidades os crioulos aproximam-se do estilo de vida europeu». (Francisco José Tenreiro, ob. cit.).

Na convivência entre o europeu e o africano, o grupo europeu, conquanto minoritário, era portador de uma cultura dinâmica sem ser agressiva (condição fundamental), o que, aliado ao seu sentido de radiação e de integração (característica dos seus próprios elementos) no

viver dos arborígenes e, o que é mais importante, de integração dos arborígenes no seu próprio modo de vida, imprime ao seu descendente uma miscigenização especial, que vai ser o ponto de partida que poderá (se realizadas determinadas condições necessárias) dar origem ao aparecimento do crioulo.

Numa primeira fase e como produto do mestiçamento, surge o mulato, que pode manter-se como tal, ou evoluir para o crioulo (o crioulo é um estádio mais avançado e personalizado do mestiço), mercê de circunstâncias favoráveis, que nem sempre surgirão.

Há profundas diferenças entre o mulato e o crioulo, quando bem diferenciados. Mestiços ambos, produtos de uma miscegenização especial, que vai ser o ponto de partida que poderá (se realizadas determinadas condições necessárias) dar origem ao aparecimento do crioulo.

Na formação do crioulo processa-se uma verdadeira metamorfose, dela resultando, como vimos atrás, um homem, uma língua e uma cultura verdadeiramente novas.

No mulato, que também é o resultado de um mestiçamento, tal como o crioulo, não há uma individualização, uma metamorfose, que leve à criação de um homem, língua ou cultura novas, perfeitamente individualizadas e personalizadas. Utilizando uma liberdade de comparação, quase poderíamos dizer que os fenómenos mulato e crioulo estariam, um para o outro, como na química nos poderíamos referir aos fenómenos de mistura e de combinação.

O mulato continua demasiadamente ligado ao elemento branco, de que adopta (com maior ou menor e relativa pureza) a língua, os usos, os costumes, a cultura, sem jamais chegar a criar uma língua ou cultura verdadeiramente novas, como aconteceu com o autêntico crioulo. Socialmente, é pelos padrões da genitura branca que ele, mesmo quando pretende fazer crer o contrário, se orienta. Daí a situação complexa e desajustada em que o mulato se vê compelido na vida. Saído de uma raça (a negra) que o não considera como seu, não conseguiu, entretanto, penetrar socialmente naquela outra raça (a branca) que, poucas vezes vai além de o ir tolerando. Daí o existir quase sempre uma certa «clivagem» entre ele e ambos os genitores, o desfazamento e um certo espírito de revolta recalcada, aliás justificada, do mulato, o que não acontece com o verdadeiro crioulo, que, muito embora, por vezes, se encontre em posição social inferior, se sente mais ele próprio, consciente e orgulhoso até (o caboverdeano, por exemplo, tem um verdadeiro orgulho em o ser) da sua situaçãoo étnica e cultural, o que jamais lhe permite sentir-se um des-

locado ou desfazado socialmente e nunca humanemente inferiorizado.

Destas duas situações podemos orientar-nos para a distinção do que poderemos designar por *mulatismo* e *crioulismo*.

Culturalmente esta destrinça é, quanto a nós, bastante importante e não a temos visto convenientemente assinalada (salvo em Manuel Ferreira, se não estamos em erro), antes se fazendo, por vezes, uma confusão identificadora entre mulato e crioulo, o que não corresponde à realidade.

Como exemplos, por demais evidentes poderíamos apontar os casos do *crioulo* de Cabo Verde (ninguém pensaria, nem socialmente, designá-lo por mulato) e do *mulato* de Angola ou Moçambique.

Alguns autores, nomeadamente Mário António no seu trabalho «Luanda Ilha Crioula» têm pretendido «criar» focos de «crioulismo» em Angola, referenciando «ilhas crioulas» em Luanda, Benguela e mesmo outras localidades do interior.

Será necessária uma certa dose de boa vontade, para aceitar a tese de Mário António, que, à primeira vista, até poderá parecer aliciante.

Em Angola e Moçambique (e já Leite de Vasconcelos o afirmava em 1901, a propósito da língua) nunca houve um verdadeiro crioulo, um crioulismo autêntico. E sabemos que, quanto mais se avançar no tempo, menores são as possibilidades para que o fenómeno crioulo se produza.

Quanto a Angola, a única época em que teria existido um clima cultural propício à gestação desse pretenso «crioulismo», teria sido no século XIX, altura em que existiu um certo tipo de população de que fazia parte uma burguesia local, que nos deu uma pleiade de homens, quase todos mestiços, que conseguiram criar um ambiente cultural bastante indvidualizado e desenvolvido, que esteve a dois passos de nos dar o crioulismo angolano.

Mas esses homens estavam demasiadamente ligados ao figurino europeu (eram, culturalmente, demasiado europeus) para que tal fosse possível. E o seu relativo isolamento (uma das condições básicas para a formação do crioulo), à medida que o tempo progredia, foi-se tornando cada vez mais ténue, até ser quase inexistente. E sem isolamento não pode haver crioulismo.

Bastará ler as obras dos escritores dessa época, um Cordeiro da Mata, um Assis Júnior, um Maia Ferreira e tantos outros de menor envergadura, mas que nem por isso deixaram de deempenhar um importante papel na sociedade do seu tempo.

Havia ainda uma outra razão fundamental, além de outras, que

não permitiu o aparecimento do crioulo em Angola como surgiu em Cabo Verde.

O primeiro passo para o aparecimento do crioulo é a miscegenização — étnica, linguística, cultural e social. Tanto em Angola como em Cabo Verde este primeiro passo foi dado, embora em certos dos seus aspectos (linguístico, cultural e social) mais intensamente em Cabo Verde do que em Angola.

Mas enquanto em Cabo Verde, após a primeira fase (miscegenização) a evolução seguiu, em Angola essa evolução não teve continuidade, na medida em que esse povo se foi, mais e mais, transformando em burguesia e, portanto, tendeu para o estatismo. E, na medida em que a burguesia, quanto mais elevada for, tenderá para um conservadorismo contrário a qualquer evolução, o povo, pelo contrário, será, por natureza dinâmico e progressista.

Em Angola, a população mestiça, à medida que se ia aburguesando, foi tendo um relativo acesso ao poder social e económico, tendendo para um estaticismo cultural, aí se quedando, o que a impediu de evoluir para a fase crioula. Já o mesmo não aconteceu em Cabo Verde, em que essa população não se aburguesou (o meio, o ambiente e a economia não lho permitiram), na medida em que continuou povo, praticamente sem quase nenhum acesso (relativo ou não) a qualquer forma de poder, fosse ele social ou económico. Mesmo aquela pequena burguesia originária do pequeno funcionalismo (o único possível num pobre país colonial) pouco menos miserável conseguiu ser que o restante povo.

E não esqueçamos um ponto fundamental, que já referimos atrás: o isolamento. O isolamento é essencial para a produção de um creoulismo post mestiçamento. O caboverdeano viveu quase sempre praticamente isolado, raramente contando com escassas achegas exteriores, tendo que viver, por conseguinte, consigo e para si.

Já em Angola esse isolamento ia progressivamene desaparecendo, à medida que os tempos passavam. Os aportes de elementos culturais e étnicos europeus eram constantes e cada vez mais intensos, exercendo assim, permanente e intensivamente, uma acção centrífuga e destruidora de qualquer germem crioulo incipiente, que terá existido.

Contemporâneamente tem-se notado, entre alguns inteleotuais angolanos, uma tendência para a busca (ou formação) de um crioulismo, que talvez não pretendam como tal, mas antes será neles uma procura da desejada angolanidade. Apontemos Jorge de Macedo (negro) e sobretudo

Luandino Vieira (que, curiosamente, é branco e nascido em Portugal, embora tenha vindo para Angola muito novo), principalmente este último, que tem feito um esforço enorme no sentido da criação de uma nova língua (poderíamos chamar-lhe «crioulica» ou «swahílica»?), baseada no léxico, sintaxe e morfologia do português falado nos musseques de Luanda.

Mas estes casos e alguns outros de somenos importância, que reputamos isolados, não poderão resultar, na medida em que não são consequência da evolução cultural natural do povo. Serão antes atitudes intelectuais, actos voluntários de procura de uma originalidade autóctone, que em muito contribuirão, entretanto, para uma individualização cultural nacional, mas nunca para a formação de um crioulismo angolano, que, a nosso ver, já não tem viabilidade nos nossos dias.

Qual a razão por que se formou o homem, a língua e a cultura crioulas em várias regiões do mundo (note-se que o fenómeno surgiu em ilhas, principalmente geográficas e consequentemente culturais, mas também em ilhas apenas culturais) onde se deram determinadas condições e não surgiram onde essas condições se não proporcionaram (caso de Angola e Moçambique, entre outros)? Já Leite de Vasconcelos o notara, há pouco menos de um século, quando estudou o fenómeno linguístico.

Dois factores principais são necessários, para que se produza o fenómeno crioulo: a existência de duas raças, que se interpenetrem harmoniosamente (tal não é possível se uma delas for agressiva em relação à outra — caso frequente com os anglo-saxões e os germânicos, por exemplo) e um certo isolamento cultural desse agregado populacional.

Ora tal situação tem a sua realização ótima, como é bem de ver, em ilhas. Daí os principais e mais autênticos povos crioulos terem surgido em ilhas.

A existência de duas raças, que se interpenetrem, que se mesticem, étnica, linguística, social e culturalmente, é imprescindível. Assim aconteceu em Cabo Verde, nas Antilhas, etc., mas já não aconteceu nos Açores e na Madeira, por exemplo.

Porque nestes últimos casos ali existia uma só raça (impossibilidade de mestiçagem) e, consequentemente, o homem poucas alterações sofreu, tal como a sua cultura (que se tornou antes conservadora) e a língua, que pouco evoluíu e o pouco que evoluíu o fez por si, sempre através de gente da mesma raça, sem ter sofrido quaisquer influências ou limitações de línguas estranhas.

Já o mesmo não aconteceu em Cabo Verde. Aí a língua não evoluíu por si, só em bocas de indivíduos da mesma raça (os portugueses). Evoluíu também e sobretudo através da gente africana, que, inegavelmente, sentiu dificuldade em adoptar a morfologia de outra língua, a sua sintaxe e até o seu léxico na sua pureza. Havia naturalmente, uma tendência para tornar as coisas mais fáceis, mais acessíveis, daí o terem adoptado a nova língua às suas próprias regras gramaticais, à sua sintaxe, embora com o predomínio do léxico europeu. Aqui a língua não se conservou, como é óbvio e tão pouco sofreu apenas uma evolução natural Metamorfoseou-se, transformando-se numa nova língua — o crioulo.

O crioulo, ao contrário do que alguns autores afirmam, seria, portanto, a língua europeia (no caso de Cabo Verde, da Guiné, de São Tomé, de Maíaca, etc., o português) profundamente alterada e adaptada na boca dos autóctones (negros quase sempre), quer na fonética, quer na morfologia, quer na semântica, quer na sintaxe.

A língua na boca dos habitantes das ilhas da Madeira e Açores, como o afirma Sá Nogueira ob. cit.) terá sofrido pequenas escoriações, por assim dizer, ao passo que em Cabo Verde sofreu profundos golpes, que a transformaram.

E, ao passo que o crioulo criou uma língua própria, uma língua nova, o mulato não. Continua com a língua do europeu, utilizando também, por vezes, (mas esquecendo-a muitas delas) a arborígene, mas sempre diferenciadas e nunca em combinação de que resultasse produto novo.

Com o mulato ter-se-á dado, até certo ponto, um caso semelhante (linguisticamente e em relação ao português) a dos Açores ou Madeira. Embora sobre aquele pese, como não podia deixar de ser, o profundo contraste entre o clima cultural europeu e o africano, que não deixa de imprimir a sua marca (o que não acontece nas ilhas europeias), há neles também, mercê do seu aburguesamento contínuo, uma tendência a um refinamento e busca do que seria considerado de mais valia e honorabilidade — a pureza da língua — nem sempre conseguida.

O que se passou em função da língua, processa-se também em relação ao homem. A miscegenização entre o branco e o negro deu, inicialmente, o mulato que, conseguindo ultrapassar a sua condição de mestiço, deu o homem novo que é o crioulo.

Mais numerosos os elementos da etnia negra esta emprestou ao crioulo o seu tom de pele e o suporte cultural. Mas, porque, embora minoritária, a etnia branca sempre foi mais dinâmica, conseguiu, apesar da sua situação de inferioridade numérica, imprimir ao produto dessa

miscegenização, uma situação cultural que o aproxima mais do etnos europeu que do africano. Essa cultura, que se revela nos mais pequenos pormenores do estar e comportar-se na vida, na sua sensibilidade, na sua maneira de pensar e de agir até, é individualizada, característica e verdadeiramente sua, embora tenha resultado da fusão de duas culturas diferentes e se baseie em ambas.

O crioulo, embora etnicamente seja um mestiço, como homem conseguiu ultrapassar essa condição, na medida em que se criou um homem novo. Tal como tantos povos do mundo, resultantes de variados cruzamentos, mas em que a individualização dos povos de base já não é possível.

Certo que no crioulo de hoje ainda se podem distinguir diversos graus de mestiçamento, o que, com o decorrer do tempo, tenderá para uma uniformização. Mas, se esses cambiantes se podem ainda distinguir, por exemplo na cor da pele, no cabelo, nos caracteres somáticos, em suma, existe já, o que é fundamental, uma identidade cultural, de sensibilidade e de personalidade.

«Crioulismo» e «mulatismo» duas realidades cujos limites se tocam e que, por vezes, nem sempre é fácil discernir, cujas origens são comuns, mas a que condicionamentos diferentes fizeram caracterizar-se diferentemente também. Todo um caminhar por duas vias que mais e mais se vão distanciando, realidades tangíveis e consequentes da permanência do europeu em regiões tropicais, com todas as implicâncias de ordem étnica, cultural e social que daí advêm.

Lobito, Janeiro de 1975

ALGUMA BIBLIOGRAFIA

Amaral, Ilídio do — Subsídio para o estudo da evolução da população de Luanda in «Garcia da Orta», Lisboa, 1959

António. Mário — Luanda «ilha» Crioula, Lisboa, 1968

Cardoso, Pedro — Folclore Caboverdeano. Porto

Correia, Mendes — Les Métis des iles du Cap-Vert, Stuttgart

Dalgado, Sebastião — Dialecto Indo-Português do Norte
Dialecto Indo-Português de Ceilão

Diop, Cheik Anta — Nations Nègres et Culture, Paris, 1954

Ferreira, Manuel — Temas de Caboverdianidade. Do Regionalismo Caboverdiano, in «Boletim Cabo Verde» n. 10-12

Freyre, Gilberto — Casa Grande & Sanzala, Rio de Janeiro, 1933
Portuguese Integration in the Tropics, Lisboa, 1958
Les Portugais et les Tropiques, Lisboa, 1961

Mariano, Gabriel — Do Funco ao Sobrado ou o «Mundo que o Mulato Criou», Colóquios Caboverdianos, Lisboa, 1959

Mendonça, Renato de — A Influência Africana no Português do Brasil, Rio de Janeiro, 1935

Miranda, Nuno de — Compreensão de Cabo Verde, Lisboa

Mota, Teixeira da —Guiné Portuguesa, Lisboa, 1954

Raimundo, Jackes — O Elemento Afro-Negro na língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1933

Ramos, Artur — As Culturas Negras no Novo Mundo, Rio de Janeiro, 1933

Ribas, Óscar — Sociedades Populares Angolanas in «Mensário Administrativo», Luanda, 1962

Silva, Baltazar Lopes da — O Dialecto Crioulo de Cabo Verde, Lisboa. 1957

Sousa, H. Teixeira de — Cabo Verde e a sua Gente in «Boletim de Cabo Verde» Sobrados, Lojas & Funcos (Contribuição para o Estudo da Evolução Social da Ilha do Fogo) in «Claridade» n.° 8

Tenreiro, Francisco José — Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Esquema de uma Evolução Conjunta, Praia 1956

Vasconcelos, José Leite de — Esquisse d'une Dialectologie Portuguaise, Lisboa, 1901

Wilson, WA.A. — The Crioulo of Guiné. Joannesburg, 1962

3463
(R)

3463